


AS REIVINDICAÇÕES

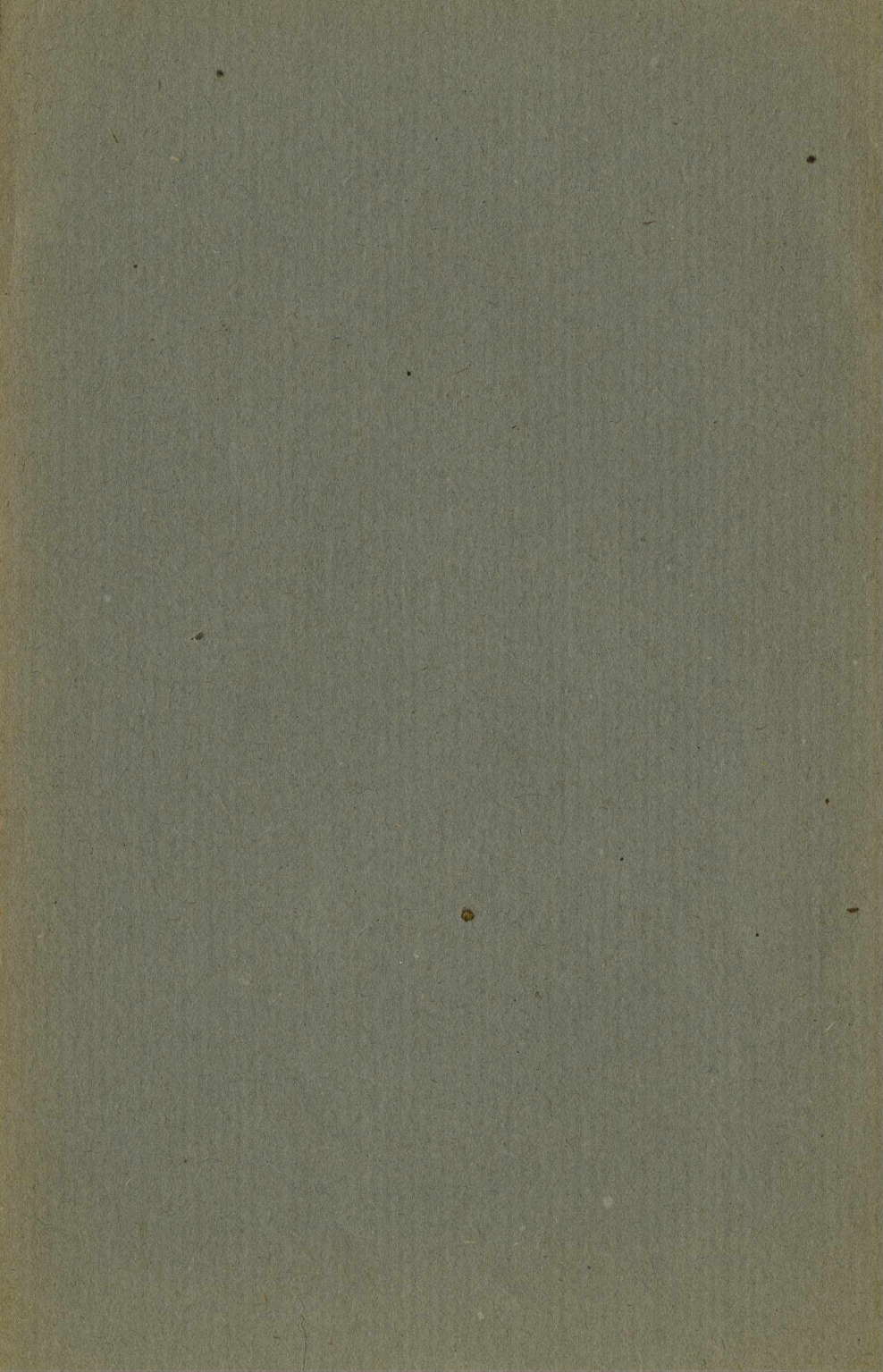
DA CLASSE MEDICA



Discurso do Dr. Otto Julio Marinho, orador oficial da SMCRGN. durante a jornada de protesto dos medicos brasileiros —



PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA
DO RIO GRANDE DO NORTE



AS REIVINDICAÇÕES

DA CLASSE MEDICA

Discurso do Dr. Otto Julio Marinho, orador oficial da SMCRGN. durante a jornada de protesto dos medicos brasileiros —



Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte

DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

PUBLICAÇÃO DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA
DO RIO GRANDE DO NORTE

Biblioteca do Instituto Histórico
e Geográfico do Rio Grande do Norte
DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO
ANTONIO SOARES FILHO

Sr. Presidente

Colegas

A evolução da humanidade implica em constantes, imperiosas modificações da nossa maneira de viver, transformações que sempre são recebidas com a justificável hostilidade que temos das cousas desconhecidas, da angustia em abandonarmos conceitos que julgávamos imutáveis, da martirizante necessidade de readaptação a nova condição de vida.

A medicina, acompanhando *pari-passu* este progresso, sofre periodicamente crises, que, parecendo abalar seus alicerces, apenas revigoram e solidificam suas bases.

Não falando da velha medicina, conjunto de empirismo acumulado em gerações, misticismo religioso, folk-lore e mentalidade mágica, vamos encontrar na Idade Média nossa primeira grande crise.

Lutavam os médicos pela conservação das tradições, continuação do prestígio sacerdotal, pela régia vida de semi-deus. Procedeu-se, contudo, a transformação e foram obrigados a trocar a magnificência dos templos pelos esplendores dos palácios. O império sôbre todos pelo domínio de um grupo.

Surgiu o "médico dos nobres". Nesta nova e traumatizante adaptação, os colegas que não conseguiam ser *propriedade privada* de algum dominante, tinham que viajar em busca de doentes, favorecidos de vez em quando pela tentativa de combate alguma rendosa peste. Este regimen de médico-judeo-errante enri-

queceu a nobre Arte. difundindo e uniformizando conceitos e práticas adquiridas nas mais longinquas paragens, fruto de exaustivas caminhadas.

A prosperidade do século XV permitiu que não só os nobres conseguissem ter seu médico particular. Surgiu o “médico da família”. Foi a fixação dos nossos colegas, estabilidade que permitiu uma pausa para sedimentação dos conhecimentos adquiridos, a calma para o estudo, a segurança imprescindível que permitiu o raciocínio claro, possibilitador das descobertas

Após este período aureo, cada vez mais diminuiu o número de famílias que podiam ter um médico, e os nossos colegas de então, em choque, tiveram de trocar a garantia, o conforto e uma proteção vitalícia, pelas problemáticas remunerações de uma clinica particular

Foi outra grande crise.

Felizmente, o instrumental e aparelhagem eram tão rudimentares que possibilitavam ao médico exercer sua arte onde e quando desejasse. O tempo marcha e o que parecia o fim foi o começo de um “tempinho agradável”. O bom tempo das fortunas realiza a custa da Medicina, dos imponentes médicos de fraque e cartola, tempo que, apesar de perto, já nos parece tão longe...

As possibilidades atuais de enriquecer às custas do consultório são tão remotas como a de sermos adotados por boníssimo monarca. “Médico de consultório”. Neste regimen de concorrência, pela necessidade de ser o melhor, surgiram os grandes nomes, inicio da fase científica.

Novas técnicas, aparelhamento e instrumental cada vez em maior número, cada vez mais imprescindíveis, tornam cada dia mais difíceis as instalações de consultórios a altura da evolução médica.

O médico já não crê nos seus sentidos. Precisa registrar cargas elétricas, excitar funções, provocar reações, gravar, fotografar, bombardear, enfim, sempre aspirando o ideal de tudo resumir na claresa de “formulas matemáticas”. Arsenal inacessível para os já pobres médicos.

Resultado: a união dos especialistas e instalação de clínicas e policlínicas possibilitadoras da prática científica, eficientes, infelizmente, mais dispendiosa. A grande massa de doentes não podia ter assistência.

Idêntica transformação sofreu a personalidade médica. Antigamente podia monopolizar todos os conhecimentos, hoje tem dificuldade em conhecer a evolução científica de sua própria especialidade.

A antiga concorrência cedeu lugar à harmonia de grupos.

Ninguém julga saber, pelo muito que nos falta conhecer.

Medicina ciência, medicina cara. A grande maioria não podia ter os benefícios de uma medicina técnica e, d’ahi, surgiram os serviços de benemerência, sociedades de socorro e alguns países criaram uma assistência coletiva. A assistência dita gratuita esvasia os consultórios, a clínica particular entra em ocaso. E o inevitável, é a socialização e a função médica atual consiste em orientá-la, tornado-a mais justa para o profissional, mais eficiente para os pacientes e fator de progresso para a medicina.

Esta inexorável transformação é nossa atual crise.

Nos desconhecidos países Escandinavos, Soviéticos, há uma assistência estatal, há socialização da medicina. Não é, contudo fenômeno político, pois a Heróica Inglaterra, regimen adverso, está totalmente socializada desde 1946. Socialização imperfeita, pois em vez da cooperação esclarecedora da classe médica, só houve reação opositora à medida inevitável

Nos Estados Unidos da América, onde o “espírito de ajuda mutua” os transforma no maior país do mundo, a socialização está sendo feita sem interferência do governo. Apenas a associação filantrópica “Blue Cross” tem 50 milhões de segurados, possibilitando ciência para os desfavorecidos.

Repetimos, não é crise médica, é transformação que dará assistência à população, protegerá os profissionais e fará evoluir a medicina. Não adianta nos prendermos as fórmulas passadas e sim lutamos pela confecção de uma socialização perfeita.

Mutações, abalos, crises, mas a ética persiste, o sacerdócio continua, a dedicação é imorredora.

Acompanhando a evolução médica, segue as perdas das vantagens profissionais. E’ o médico sacerdote que se transforme em médico de nobre, reduzindo-se sucessivamente a médico de família, de consultório, policlinica e, enfim, mero funcionario.

Parece a nobre Arte nutrir-se de seus apóstolos. Cada vez mais debilitados, sentimo-nos, contudo cada vez mais fortes ao contemplarmos o sempre crescente progresso, orgulhos em pertencer a tão suave sugadora.

No Brasil, pela impericia criminosa dos governos, tudo é feito ao acaso; a socialização esta sendo realizada de maneira caotica e profundamente nefasta à medicina e aos médicos.

Criaram a caixa dos ferroviarios em 1923, dos servidores públicos em 28, dos maritimos em 33. seguido do assustador número dos Institutos, que, além do reduzido mérito de uma assistência precária aos seus associados, apenas servem para colocações de afilhados politicos, negociatas indecorosas e preparações eleitorais. Em 1930 apenas 157.486 doentes receberam assistência dos Institutos e Caixas, atingindo em 50 à monstruosa cifra de 3. 414.813, sem adicio-

nar os 186.044 atendidos pelo SESC e mais de um milhão pela Prefeitura do Distrito Federal e os demais serviços de benemerência. A sempre crescente redução na clínica particular, provocou o afluxo dos médicos para as entidades assistenciais e se, em 1946, 6.828 médicos eram funcionarios, já em 51 este número ascendeu a 14.300. Existem no Brasil 18.272 médicos em atividade profissional, 78% dos quais trabalham em entidades governamentais, autárquicas e para-estatais.

Por cada doente atendido em 1951 recebeu o médico 42,00 por ano ou seja 3,50 por mês, “tanto quanto um seu associado gastaria engraxando seu sapato uma vez por mês”.

Honorários irrisórios. Para uma remuneração justa deveria ter sido feito uma classificação das carreiras, tomando por base o tempo e as dificuldades na formação profissional, repercussão dos erros cometidos, riscos na execução dos trabalhos, efeitos sobre o bem-estar coletivo, etc.etc.

A nossa única classificação é a do Instituto de Administração da Universidade de São Paulo, que colocou a medicina em 1.º lugar, com 550 pontos; engenheiros em 2.º com 486, advogados com 450 etc.

Em total desacôrdo com esta classificação, encontra-se o profissional da medicina em oitavo lugar da classificação de remuneração das profissões.

Dados matemáticos; contudo os poderes não compreendem ou não o querem fazer. Não melhoram, protelam, enganam.

Falam de um acúmulo de médicos nos grandes centros, esquecem, contudo, que não é pelas delicias de pisar no asfalto, fazer esquina em cafés elegantes ou acompanhar a moda dos pelintras.

Evitam o interior pela certeza de encontrar zonas

desprivilegiadas, onde em algumas delas até os naturais fogem acossados pela fome, falta d'água e miséria.

Faça-se hospital, instale-se RX, laboratório, remunere-se o profissional, e os médicos afluirão. A situação cada vez mais precária acordou nossos colegas do sul que se movimentaram, clamando as inadiáveis reivindicações. O Estado de São Paulo e a Prefeitura do Distrito Federal reestruturaram condignamente seus quadros médicos. Surgiu o espírito de classe, a luta começou.

O dinâmico paulista idealizou, concretizando em Belo Horizonte a criação de nossa entidade máxima. a Associação Médica Brasileira que já nasceu adulta e combatente dos nossos direitos, visando um "desenvolvimento científico cultural e o exercício da profissão dentro de princípios de elevada ética e moral". Apesar da nossa miséria, não começou a AMB sua vida estudando orçamentos mas sim elaborando precioso código de ética, tentando reduzir o astronômico preço dos livros científicos, regulamentando medidas para um mais perfeito ensino profissional e especializado, etc.

Em 1950 o presidente Dutra encaminhou a Câmara dos Deputados uma mensagem de número 574/50, pedindo a reestruturação de "alguns médicos" funcionários do Ministério da Educação e Saúde. A Comissão de Serviços Públicos da Câmara aproveitou e aprovou uma emenda substitutiva, que se conhece como o Projeto 1032/50, estendendo os favores a todos os médicos. Aprovado em janeiro de 51, seguiu o projeto á comissão de Finanças que o encaminhou à Comissão de constituição e justiça para saber da sua constitucionalidade. Em 16 de Maio de 51, o relator desta última comissão apresentou parecer contrário. Tempos após, o deputado Antonio Balbino pediu vista do proceso e concluiu de maneira de-

cisiva pela sua constitucionalidade. Parecer assinado em 11 de Julho de 51 e só apresentado em Setembro. Por 19 votos contra 4, a comissão de Justiça aprovou o projeto, reencaminhando-o à Comissão de Finanças que enviou para o DASP e o Ministério do Trabalho, para que calculassem o total do crédito especial. Retorna enfim o já cansado projeto à Câmara dos Deputados e até hoje dorme em alguma esquecida gaveta, seus 3 anos de ibernação.

Uma medida que deveria ser votada em regimen de urgencia encontra a má vontade, as provocadas dificuldades de um governo e homens públicos que dispensam, comentários.

Enquanto o projeto 1082 pulava de banca em banca, de comissão em comissão, dormia em gavetas, a classe médica se estenuava. Falavamos com deputados pediamos justiça a politicos, a bancadas, a partidos, faziamos visitas individuais e coletivas, gastávamos centenas de milhares de cruzeiros em propaganda, noticiários, irradiações, organizavamos mesas redondas em rádios e televisões, morávamos nos corredores do congresso, visitavamos o presidente da República, que não comparecia à audiências antecipadamente marcadas, com prejuizos do nosso amor próprio, valtávamos noutro dia, implorando aquilo a que tinhamos absoluto direito. Faziamos exposições, memoriais que diziam ser bem recebidos e às vezes nem eram lidos. Enganados repetidamente pelos homens do poder desconsiderados, estudávamos a possibilidade juridica das reivindicações. Tudo tentado e sempre as proteções. Diziam que tinhamos razões, mas nada faziam. Alegavam orçamentos ao mesmo tempo que criavam cargos e sinecuras. Dizia o deputado Menotti del Piechia: não criamos funções para desenvolvimento do Estado, inventamos serviços para colocar candidatos.

Estavamos decepcionados e irritados com tantas injustiças. Tornamo-nos mais enérgicos, fizemos greves simbólicas, jornadas de protesto, não com o intuito infantil de forçar o govêrno a uma decisão honesta e sim numa coerente dẽmonstraçãõ de desagrado, protesto, repulsa.

Chamam-nos de comunistas ou na melhor das hipoteses "idiotas úteis". E' antigo processo psicológico tão velho quão imbecil. Qualquer movimento reivindicatório ou que desagrade o govêrno é tachado com o "slogan" da moda. Seriamos chamados de nazistas em 1940, lacaios do capitalismo, na Rússia, judeus se no estado de Hitler e até cristãos se combatessemos a estupidez das lutas de gladiadores, na antiga Roma.

São palavras. O que realmente nos interessa é uma indissolúvel harmonia de classe para com essa união libertar-nos da nefasta influẽncia de idéias velhas, dos médicos apegados ao passado, destes esclerosados cérebros que, na impossibilidade de evoluir, agarram-se às formas antigas, para terem a sensaçãõ que ainda vivem. Médicos velhos, não pela respeitabilidade de uma idade cronológica digna de veneraçãõ e carinho, mas pela mentalidade estagnada. Dos médicos jovens cheios de covardia, viscosamente prẽsos às comodidades nem sempre adquiridas por mẽrito próprio e sempre prontos a adotar idéias, não pelo conteúdo, mas para agradar a quem as apresenta. Daqueles que aspiram vencer, mas nada querem arriscar.

Mas aos médicos idosos de pensamento jovens, a estes eleitos, o nosso preito de admiraçãõ completa-se querendo-os para guia; deles precisamos para lideres, fẽlizes que são em possuir evoluçãõ mental e pronta adaptaçãõ a novas situações, aliada à madureza do pensar, cautela nas atitudes, sobriedade nas ações.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio Grande do Norte, ressaltados os sagrados direitos dos necessitados da medicina, dos carentes de assistência, tudo fará em prol das reivindicações do profissional, indestrutibilidade da nossa união, progresso da nossa Arte.

Obrigado.

A Postoffice de Madras e Ombudsman do Rio de Janeiro
de 1840, reservando-se para si, em virtude da
natureza da prestação dos serviços de correio,
a responsabilidade de todos os prejuízos que
podem resultar de qualquer natureza.

Ombudsman

